

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Amaz. / Internac
 Data 14/08/93 Pg.: 1-2 113

Militares e cocaína

Gilberto Dimenstein

BRASÍLIA — “Estamos perplexos” —essa a reação oficial ontem do governo dos EUA, através de sua embaixada em Brasília, sobre os receios dos militares de que tropas norte-americanas na Guiana fossem uma ponte para “invadir” a Amazônia. A nota informa que o objetivo das tropas é combater o narcotráfico. Mas será que drogas são uma questão militar?

Está evidente que os militares brasileiros, imersos numa crise existencial, estão dispostos a criar inimigos —e, assim, sugar recursos públicos. Mas será que, ao eleger o narcotráfico como uma das prioridades de combate, os militares americanos também não estariam produzindo inimigos?

Sei que vou aborrecer muitos leitores desta coluna, mas a pergunta é inevitável, baseada em dados de que a repressão às drogas não está funcionando. Não seria melhor transformar uma questão policial numa questão exclusivamente de saúde pública, deslocando mais recursos para educação e tratamento de viciados?

A resposta é complexa —há prós e contras. Mas não vi, até hoje, nenhum argumento sólido o suficiente para me demover da idéia de que seria melhor o indivíduo comprar a droga na farmácia

do que com o traficante. A tarefa da sociedade é fazer o máximo para ajudar prevenir o vício —e, se não conseguir, ajudar a recuperar o viciado.

Muitos vão dizer é loucura —todos vão se viciar. Será mesmo? A tendência das pessoas normais é buscar o melhor para suas vidas, num humano egoísmo. E o vício destrói carreiras e famílias.

Poucas figuras poderiam ser mais detestáveis do que o traficante de drogas, uma pestilência que estimula crianças e adolescentes ao vício para faturar dinheiro. Mas sejamos realistas: o traficante ameaça mais a saúde pública do que os produtores de cigarro?

A resposta pode estar num recente documento sobre saúde do Banco Mundial: são três milhões de mortes ao ano provocadas pelo fumo. E, daqui a 30 anos, segundo o documento, subirá para 10 milhões. É um número alto, mas que seria muito maior não fossem as campanhas educativas bem-sucedidas, especialmente entre os jovens.

PS — Alguém teria coragem de propor a volta da lei seca para combater o alcoolismo? Dados do Banco Mundial: por ano morrem 2 milhões de pessoas vítimas do álcool.